

O origem da convivência de vida na aventura. Passado, presente e futuro.

Para fazer pesquisa sobre a minha vida, vou começar contando um pouco sobre a situação do meu antepassado e o que ele passou naquela época.

No início do contato, na década de 50 do século passado, ele passou por tantas situações. O contato de meus antepassados com os brancos foi na região do Pará, onde eles viviam juntamente com as pessoas que estão vivendo lá nesse momento moderno.


Vou resumir alguma coisa que meu próprio antepassado contou sobre aquela época. Ele disse que depois do contato eles trabalhavam com três tipos de serviços: látex de seringueira, coleta da castanha e couro de animais, que eram valorizados naquela época. Então, por causa de um acontecimento sobre o que não vou falar agora, meu pai e sua família mudaram com o grupo deles para o Mato Grosso e resto da comunidade ficou na aldeia deles. Até hoje existe aldeia nesse lugar, de onde eles saíram. É a aldeia Kôkrajmôrô. O resto da população continuou naquela aldeia, convivendo para sempre e cada vez mais aumentando naquele local.

Alguns anos depois do contato, começaram a fazer uma festa, meu pai era o dono dessa festa. No tempo dessa festa chegaram umas pessoas da aldeia Porori. Quando eles chegaram à aldeia, estava

acontecendo a festa que se chama Kwÿrÿkangô.

Depois que o pessoal do Porori chegou, eles quiseram finalizar a festa e logo depois de algumas semanas, eles foram caçar no mato. Isso existe ainda, em toda festa a comunidade leva o dono da festa para caçar. Essa caçada é para a comunidade mesmo se alimentar enquanto estiverem dançando e cantando a noite toda. Param de dançar para comer e depois começam a dançar de novo.

Então eles fizeram isso, foram caçar para terminar a festa e fazer a mudança de aldeia. Porque meus antepassados resolveram mudar de aldeia. Depois de acabar a festa, mais ou menos três ou dois dias, eles começaram a embarcar rumo à aldeia Porori, no Mato Grosso. Começaram a subir o rio Xingu de canoa, para a aldeia Porori, que também fica na beira do rio Xingu, como a aldeia Kôkrajmôrô. Nessa viagem de navegação para o Mato Grosso houve muito sofrimento, porque eles não tinham mantimentos para se alimentar durante a viagem. Mesmo assim, conseguiram chegar a Porori. Algum tempo depois de eles chegarem lá, meu pai e Mẽ-y-re foram até o Mëkragnoti para conversar com o cacique Bepgogoti. Passou muito tempo até eles retornarem para Porori, para morar junto com o pessoal novamente. Eles foram pelo caminho que o pessoal usava para ir e voltar de uma aldeia para outra.



Posteriormente, os homens que tinham feito contato com eles, os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, pediram para eles mudarem a aldeia de novo. Por que eles pediram para a comunidade se afastar? Por causa da abertura da BR 080, quando o limite da terra passou da cachoeira para a BR 080. Foi por causa dessa situação que eles dividiram o grupo. Teve uma polêmica na comunidade e uma parte não concordou com a mudança para cima da BR 080 e por isso dividiram a aldeia. O cacique Ropni foi com sua turma e abriu a aldeia nova, chamada Pykanhikàjkàry e os outros foram com o cacique Kremôrô e Kromare abrir a aldeia Jarina.

Foi assim que um grupo se mudou para uma aldeia nova, que chamaram de Pykanhikàjkàry. E ficaram lá até quando a estrada chegou ao rio Xingu. Antes disso meu pai e mais algumas pessoas foram fazer tratamento de saúde no posto Diauarum. Naquele tempo não tinha motor de popa e eles usavam canoa para levar os pacientes para tratamento no posto Diauarum, tanto na ida como na volta.

Depois do tratamento, quando um homem índio chamado Kenmy (Djant-tĩ e outros estavam voltando para a aldeia Pykanhikàjkàry, descobriram pegadas que não-índios deixaram na beira do rio, e uma trilha que eles usavam para pescar na beira do rio Xingu. Os índios foram seguindo o caminho e chegaram numa roça onde as máquinas estavam derrubando as árvores para fazer a estrada. Antes de essa estrada ficar pronta a comunidade de Pykanhikàjkàry mudou de lá para outra aldeia, rio acima da BR 080. Foi então que apareceu a aldeia Kretire. Para fazer a mudança alguns ficaram na

aldeia e outros foram abrir a aldeia nova. Quando terminaram de limpar o lugar, o resto do pessoal foi para lá. Eles chamaram essa aldeia de Kretire. Chegaram e fizeram a aldeia em círculo.


Foi no Kretire que os Panará chegaram para morar com nosso pessoal, vindo do Diauarum. Eles ficaram durante um tempo conosco e depois voltaram novamente para o Diauarum.

Nossos antepassados passaram por todas essas mudanças que foram transformando a vida de meu povo até chegar no meu nascimento e é desse ponto que vou começar a contar sobre a minha vida, desde o meu nascimento.

Bom, eu nasci na aldeia Kretire, no dia 7 de fevereiro de 1978, às 10 horas. Foi nesse ano que apareceu minha vida. Quando eu era de colo nem pensava em nada. Por quê? A minha mente não funcionava ainda. Aí fui crescendo, foram passando vários meses, dias e anos. Todo meu corpo se desenvolvendo cada vez mais por dias e por ano.

Quando eu era menino, mais ou menos com 6 anos de idade, comecei a perceber alguma coisa. Talvez nesse ano, comecei a estudar com a professora Maria Eliza. Com essa professora comecei compreender as letras e outras coisas dos índios. Naquele momento, no ano de 1984, a minha comunidade tomou a balsa que faz a travessia da Br 080 no rio Xingu. O motivo, eu nem percebi qual era na época, e senti muito medo, porque só tinha 6 anos. Porque tinha muitos aviões pousando na aldeia, com jornalistas para entrevistar os índios. E tinha muitos outros índios como Kayabi, Ikpeng e Kisejdji, que vieram para lutar junto conosco. O motivo daquela luta eu só entendi mais tarde, era a demarcação do





Kapôt e dos 15 km da margem direita do rio Xingu, porque naquela época a gente vivia na aldeia Kretire, dentro do Parque Indígena do Xingu e do nosso território tradicional. Só uma pequena parte, a Terra Indígena Jarina, era demarcada.

Algum tempo depois, as pessoas da aldeia Piaraçu comunicaram com o pessoal da aldeia Kretire dizendo que tinha um carro, que era igual a um barco, que andava na terra e também navegava.

Pelo rádio comunicaram desse jeito. As pessoas da aldeia Kretire se enfeitaram para esperar esse tipo de carro de navegação. Tudo isso eu vi e passei enquanto estava crescendo.

Entre a aldeia Kretire e a aldeia Piaraçu tem um lugar que chama Pi-y-djãm, que é hoje a fazenda de gado do Akan Juruna. Fica um pouco acima da aldeia Piaraçu, que na época o pessoal chamava de PIV BR 080. Ali tínhamos nossas roças e um lugar onde as pessoas acampavam para fazer canoa. Na beira havia uma árvore onde o pessoal tomava banho e as meninas e os meninos subiam e pulavam no rio Xingu. Um dia eu fui tomar banho com o pessoal e, pela trilha, vinham as moças atrás de mim para tomar banho. Eu subi naquela árvore para me esconder porque eu era menino e fiquei com vergonha das meninas, mas enquanto estava subindo na árvore, me apoiei num galho seco bem no alto, e ele quebrou. Eu caí no chão e desmaiei por alguns minutinhos. Elas chegaram perto e na mesma hora voltei ao normal e saí correndo e chorando para me esconder de novo. Mas elas me viram e contaram para minha mãe. Quando eu cheguei onde minha mãe estava, ela ficou só me olhando com cara feia e brigou comigo.

Foi isso que aconteceu comigo, quando o pessoal foi acampar para fazer canoa.

Dentro da aldeia aconteceu outra

coisa comigo, quando estava brincando de esconde-esconde com outras crianças. Eu fui me esconder embaixo de uma bacia, e o facão do meu pai também estava lá escondido no meio de palha de buriti, embaixo da bacia. Na hora que ajoelhei para entrar embaixo da bacia, o facão cortou meu joelho e eu saí chorando, peguei o facão do meu pai e levei para jogar no mato, mas não tive coragem de jogar, aí coloquei num tronco de macaúba. Depois disso, minha mãe me levou para o posto para dar ponto no corte, foi nosso monitor de saúde, Kôkôkdjÿ, quem cuidou de mim. Eu já o tinha visto trabalhando na farmácia na nossa aldeia antiga Kretire, ele é irmão do nosso administrador Megaron Txucarramãe. Foi ele que deu os pontos no meu joelho.

Foram muitas situações que eu passei quando era menino. Nós éramos meninos de todos os tamanhos e andávamos pelados, sempre brincando, a gente jogava limão como se fosse a bola e fazíamos tantas outras brincadeiras. Na época era muito diferente de hoje em dia.

Em 1987 fizemos outra mudança de aldeia, para Kamêrekàkkô. Nesse lugar que se juntaram duas aldeias: Kretire e Jarina e foi lá que chegaram os Tapajúna para morar conosco e formar um grupo só.

Eu não sabia de nada e de repente meu pai e minha mãe levaram a gente para outro lugar. É sobre essa mudança de aldeia que eu começo a contar agora. Nós fomos juntos com o primeiro grupo, de canoa, para Kamêrekàkkô, para onde nós íamos ficar. Neste lugar já tinha algumas pessoas morando com suas famílias, o Kromare e o Ykakôrô já estavam morando naquele lugar.

Mas em Kamêrekàkkô enfrentamos muitos sofrimentos por falta de alimentos e por falta de atendimento de saúde.



Tinha muita escabiose e feridas que acabaram com os cabelos das crianças, meninos e meninas cheios de coceira em toda parte do corpo. E também tinha outras doenças que iam cada piorando vez mais, como tuberculose, pneumonia e malária. A pista de pouso para remover os pacientes ficava na aldeia Jarina. Era lá que o pessoal levava os pacientes para pegar avião e fazer tratamento em Brasília.

Em algum momento o pessoal trouxe o trator que ia limpar o lugar para fazer as casas e depois fazer pista de pouso. Assim o pessoal ia trabalhando e fizeram uma aldeia imensa em círculo. O tempo foi passando e as coisas foram melhorando para nossa comunidade, que era muito unida e todos gostavam muito de estarem juntos novamente nessa grande aldeia.

Depois da construção da aldeia e da pista de pouso, o pessoal trouxe material de construção para construir uma farmácia, a escola e a casa do rádio. Quando terminaram as três construções, começaram a funcionar a escola e a farmácia. Os funcionários de cada profissão iniciaram seus serviços em cada lugar do posto.

Quando a escola ficou pronta, as meninas e os meninos começaram a estudar. As nossas professoras se chamavam Maria Eliza Leite e a outra era a Bimba (Maria Cristina Troncarelli).

A professora Bimba foi alfabetizando os meninos e as meninas. A escola tinha duas salas de aulas, uma sala para cada professora ensinar sua turma. De manhã a professora Bimba começava trabalhando com os meninos menores, e depois deles vinham os meninos maiores um pouco. A Maria Eliza começava com as meninas e depois meninos, cada professora trabalhava numa sala. À tarde elas davam aulas

para adolescentes e adultos. Tinha muitos alunos lá.

Mas naquela aldeia tinha muita malária. E os índios que foram capacitados como monitores de saúde naquela época foram Beptoit, Nhakapru e Atorongêt. Eles que cooperavam bastante, tratavam dos pacientes juntamente com a Escola Paulista de Medicina (EPM). Na época a EPM trouxe um aparelho de raio-X para fazer exame de tuberculose. Naquela época a equipe da EPM levava o equipamento para a aldeia. Isso eu vi na aldeia velha que se chamava Mëtyktire, que é o nome que o pessoal escolheu para o lugar chamado de Kamêrêkàkkô.


Nessa aldeia nós éramos meninos e um dia fomos caçar passarinho de estilingue, eu, Beptôri, Orengrô, Nangrà, e Po-y-re. A gente foi por um caminho procurando passarinhos e quando chegamos à beira de uma lagoa, encontramos uma canoa no porto.

Da beira nós vimos muitas andorinhas pousadas nos galhos de umas árvores que ficavam no meio da lagoa. Pegamos a canoa do Bepkangare, e fomos para as árvores onde estavam as andorinhas. Acho que foi o filho do Bepkangare, o Mejmrô, que chegou no porto procurando pela canoa do pai dele e viu a gente no meio da lagoa.

Ele voltou para casa e contou para o pai dele. Nós continuamos remando com nossas havaianas e quando nós estávamos chegando perto das andorinhas elas voaram e nós voltamos para o porto. Vimos o Bepkanga chegando pelo caminho e fomos remando o mais rápido possível, quando a gente estava encostando a canoa no porto, ele também chegou e falou:

— Para onde vocês estavam levando a canoa?





Nós dissemos que íamos pegar ovos de passarinho, mas ele continuou perguntando o que estávamos fazendo com a canoa dele e nós três, Orenô primeiro, pulamos da canoa para a água e nadamos na lagoa.

Eu estava nadando quando ouvi os meninos me chamando para eu pegar a bolsa do Nangrà cheia de pedrinhas para usar no estilingue. O Nangrà quase morreu afogado porque ele estava nadando e carregando a bolsa pesada, cheia de pedrinhas, por isso ele quase recebeu prêmio (de afogamento!). Eu fui lá e peguei a bolsa no meio da lagoa. Depois eu comecei a dar risada dele.

Depois fomos andando pelo caminho da beira da lagoa e escutamos um tiro porque o rapaz levou a canoa dele para praia. Nós corremos até chegar à estrada para o rio, e outro homem avisou para o dono da canoa que nós estávamos correndo para o rio, foi ali que nós nos separamos.

Em outro dia eu fui com um menino Tapajúna cortar um pau que se chama kajkrit, para fazer aviãozinho de brinquedo. Era no verão, já tinha queimadas. Quando nós estávamos chegando no lugar para tirar a madeira, por baixo da terra tinha brasa, e foi ali que o Orenô queimou o pé dele, e foi correndo para água, chorando e pulando de tanta dor. Ai nós não pegamos o pau naquele dia.

Quando estávamos nessa aldeia o cacique Ropni foi fazer campanha no exterior do país para arrecadar dinheiro para demarcar a área do Mēkragnoti. Para conversar sobre a viagem, vieram até a aldeia o cantor Sting, o Red Crow (Nhôjkamrêk), que também é cantor, e outros homens da equipe deles.

O Ropni e o Megaron fizeram essa viagem antes da mudança para o Kapôt.

Enquanto eles estavam viajando,

receberam muitas notícias sobre a malária e as doenças na aldeia Mētyktire, e quando voltaram conversaram sobre a mudança com a comunidade. E de repente trouxeram muitos tambores cheios de querosene, e veio um mecânico juntamente com o combustível para o caso de acontecer pane no helicóptero, por isso que o mecânico chegou primeiro, para esperar a chegada do helicóptero que ia levar o pessoal para o Kapôt.

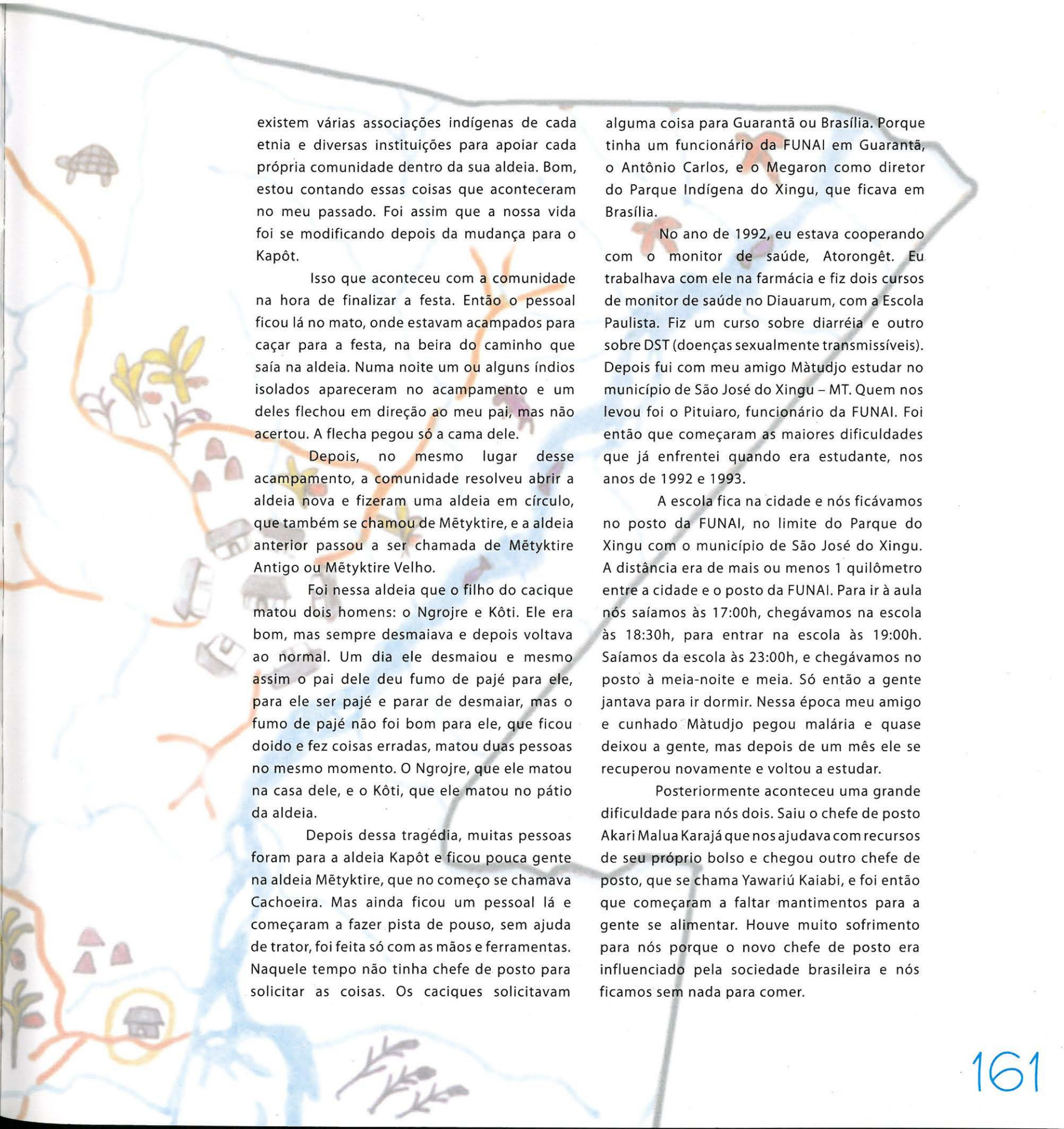
Assim foi o começo da mudança para Kapôt. Nessa aldeia eu não tinha quase nada de vestuário, porque meu pai também não tinha como comprar roupa para a gente, às vezes meu irmão comprava alguma coisa para meu pai. Eu só tinha uma camisa e dois calções e andava descalço. Eu era menino e vivia desse jeito, como viviam os outros meninos da aldeia.

Nesse tempo comecei a entender melhor as coisas.

Tudo isso aconteceu antes de o pessoal se dividir, quando teve a mudança para o Kapôt de helicóptero e parte do pessoal não quis mudar, ficou lá mesmo no Mētyktire. Eles saíram porque na época tinha muita malária na nossa aldeia.

As pessoas que ficaram continuaram morando algum tempo lá e depois começaram a fazer uma festa que se chama Kôkô. Isso foi em 1990. Quando o pessoal foi caçar para finalizar a festa, teve um incêndio na aldeia, as casas queimaram juntamente com as coisas de cada família. Quando souberam do incêndio, algumas pessoas voltaram para ver o que tinha queimado e depois ninguém quis mais voltar para aquela aldeia.

Naquela época, na aldeia Mētyktire antiga, a comunidade só dependia da FUNAI, porque não existia outra instituição para apoiar os povos indígenas. Mas no tempo moderno

A hand-drawn illustration of a landscape. It features a winding river in shades of blue and green. On the left bank, there are several trees with yellow and green leaves. A turtle is depicted in the upper left corner. In the center, there are some small, simple houses or structures. The overall style is that of a child's drawing or a folk-art style illustration.

existem várias associações indígenas de cada etnia e diversas instituições para apoiar cada própria comunidade dentro da sua aldeia. Bom, estou contando essas coisas que aconteceram no meu passado. Foi assim que a nossa vida foi se modificando depois da mudança para o Kapôt.

Isso que aconteceu com a comunidade na hora de finalizar a festa. Então o pessoal ficou lá no mato, onde estavam acampados para caçar para a festa, na beira do caminho que saía na aldeia. Numa noite um ou alguns índios isolados apareceram no acampamento e um deles flechou em direção ao meu pai, mas não acertou. A flecha pegou só a cama dele.

Depois, no mesmo lugar desse acampamento, a comunidade resolveu abrir a aldeia nova e fizeram uma aldeia em círculo, que também se chamou de Mëtyktire, e a aldeia anterior passou a ser chamada de Mëtyktire Antigo ou Mëtyktire Velho.

Foi nessa aldeia que o filho do cacique matou dois homens: o Ngrojre e Kôti. Ele era bom, mas sempre desmaiava e depois voltava ao normal. Um dia ele desmaiou e mesmo assim o pai dele deu fumo de pajé para ele, para ele ser pajé e parar de desmaiar, mas o fumo de pajé não foi bom para ele, que ficou doido e fez coisas erradas, matou duas pessoas no mesmo momento. O Ngrojre, que ele matou na casa dele, e o Kôti, que ele matou no pátio da aldeia.

Depois dessa tragédia, muitas pessoas foram para a aldeia Kapôt e ficou pouca gente na aldeia Mëtyktire, que no começo se chamava Cachoeira. Mas ainda ficou um pessoal lá e começaram a fazer pista de pouso, sem ajuda de trator, foi feita só com as mãos e ferramentas. Naquele tempo não tinha chefe de posto para solicitar as coisas. Os caciques solicitavam

alguma coisa para Garantã ou Brasília. Porque tinha um funcionário da FUNAI em Garantã, o Antônio Carlos, e o Megaron como diretor do Parque Indígena do Xingu, que ficava em Brasília.

No ano de 1992, eu estava cooperando com o monitor de saúde, Atorongêt. Eu trabalhava com ele na farmácia e fiz dois cursos de monitor de saúde no Diauarum, com a Escola Paulista. Fiz um curso sobre diarreia e outro sobre DST (doenças sexualmente transmissíveis). Depois fui com meu amigo Mätudjo estudar no município de São José do Xingu – MT. Quem nos levou foi o Pituiaro, funcionário da FUNAI. Foi então que começaram as maiores dificuldades que já enfrentei quando era estudante, nos anos de 1992 e 1993.

A escola fica na cidade e nós ficávamos no posto da FUNAI, no limite do Parque do Xingu com o município de São José do Xingu. A distância era de mais ou menos 1 quilômetro entre a cidade e o posto da FUNAI. Para ir à aula nós saíamos às 17:00h, chegávamos na escola às 18:30h, para entrar na escola às 19:00h. Saíamos da escola às 23:00h, e chegávamos no posto à meia-noite e meia. Só então a gente jantava para ir dormir. Nessa época meu amigo e cunhado Mätudjo pegou malária e quase deixou a gente, mas depois de um mês ele se recuperou novamente e voltou a estudar.

Posteriormente aconteceu uma grande dificuldade para nós dois. Saiu o chefe de posto Akari Malua Karajá que nos ajudava com recursos de seu próprio bolso e chegou outro chefe de posto, que se chama Yawariú Kaiabi, e foi então que começaram a faltar mantimentos para a gente se alimentar. Houve muito sofrimento para nós porque o novo chefe de posto era influenciado pela sociedade brasileira e nós ficamos sem nada para comer.

Um dia eu lembrei do crédito do meu irmão Waiwai no mercado que se chama Tulha, fui lá e peguei umas coisinhas como: biscoito, sardinha e pacotinho de fumo. Nem chegou a dar para uma semana, acabou no mesmo dia.

Às vezes a gente pegava farinha do chefe de posto, porque não tinha nada para comer. Quando ele saía para a rua, nós subíamos na parede e descíamos no quarto dele para pegar um pouco da farinha dele. Um dia ele descobriu a gente pelo rastro que deixamos na parede e ele falou:

— Nunca vi o rastro de rato deste tamanho, é a primeira vez que eu vejo um rastro de rato deste tamanho. Nós ficamos ouvindo ele falando ao lado.

E na outra semana nós ficamos completamente exaustos de fome, e Matudjo disse: sou brasileiro, sou índio filho de Papan Tapirapé e Kabēnti Mētyktire e sei algumas coisas sobre a minha vida. É verdade que nós sofremos, mas aprendemos também algumas coisas dos não índios, aproveitamos esse pouco tempo que passamos lá, mas não dava para continuar naquela situação, então voltamos para nossas aldeias.

Mas cada dia que passa eu sinto que um dia vou ser alguma coisa na vida e quero lutar pelo meu povo, elaborar um projeto, fazer requerimento e assim por diante, é o meu pensamento, eu acredito em mim mesmo. Quando nós estávamos lá, enfrentamos muitos e muitos sofrimentos. Por causa disso tudo, nós desistimos da escola de lá, e fomos para a aldeia.

No mês de fevereiro de 1994, nós fomos para um lugar desabitado, Pykanhikàjkàry, para fazer uma casa para receber turistas. Para começar a construção dessa casa, acampamos, e quando anoiteceu ninguém dormiu. Por quê?

Porque tinha muito mosquito, nós ficamos acordados a noite inteira. Então trabalhamos só no período da manhã, à tarde dormimos. Fizemos as três casas, limpamos o pátio e em volta das casas também. Depois fomos para o Piraçu, porque nós não tínhamos mais gêneros alimentícios. Retornamos para o acampamento uma semana depois, aproveitando a balsa que estava descendo o rio. Eu fui com o pessoal de balsa e os outros foram de barco. Depois voltei para a aldeia e fiquei com a minha comunidade da aldeia.

Os líderes e a comunidade estavam discutindo sobre a invasão na região do Kapôt Nhĩnore, onde o rio Liberdade deságua no rio Xingu. O pessoal foi lá para ver o que estava acontecendo e um dia meu irmão Txokrã veio para pegar o mapa do cacique Ropni, que eles esqueceram de levar. Na hora em que eles estavam saindo para voltar para o Kapôt, Nhĩnore, meu irmão Waiwai, pediu para eu ir com ele. Pensei um pouco e aceitei logo, fui correndo para casa, ajeitei minha roupa e retornei correndo para a beira porque eles já estavam acabando de preparar o barco para sair. Nós fomos e chegamos às 19:00h no Hotel Emsa, que era o nome que os invasores deram para aquele lugar do Kapôt Nhĩnore. No dia seguinte, bem cedo, Ropni acordou alegre cantando como os Mēbēngôkre antigos faziam. Havia 11 funcionários nesse hotel e, quando nós chegamos, os funcionários foram embora sem avisar nada. Ficaram lá três pessoas: dois homens e uma senhora de idade, coitada dela. Ela nunca saiu da casa, e os dois homens conversaram com a gente. Quando nosso Administrador Megaron Txucarramãe chegou de avião, mandaram os três embora pelo mesmo avião. Nós ficamos no Emsa mais uns dias e voltamos para a aldeia Mētyktire.

Pernoitamos um dia no caminho, subindo o rio para chegar à aldeia.

Eu continuei na aldeia até que fui para Colider, para ser estudante novamente, estudei por um ano em Colider. Foi nesse tempo que meu pai teve um problema sério de saúde e eu fui com ele para Cuiabá de táxi, sem nada para comer no caminho, pela BR 163. Dois dias depois retornamos para Colider de novo, ele foi para a aldeia e eu fiquei aqui em Colider. Foi quando eu tive dinheiro, no valor de trinta reais, para fazer identidade e outros documentos. Meu amigo falou que era muito barato fazer documento, mas gastei vinte e cinco reais e fui para o posto de identificação. Na hora de terminar tudo, o funcionário me entregou um protocolo para pagar o valor de onze reais. Aí que eu quase morri, porque não tinha mais jeito para desistir dos documentos e homem da identificação escreveu uma carta para mim, dizendo que se eu não pagasse teria que ir para Cuiabá, para decidir. Aí que eu fiquei imaginando o que fazer e fiquei preocupado. O Luis Carlos, um funcionário da FUNAI, me ajudou e arrumou dinheiro para pagar meu documento. Na época havia dois irmãos meus aqui em Colider, mas eles nem se preocuparam com meu problema.

O nosso grupo de estudantes em Colider ficou abandonado, alguns de nós namoravam as meninas e bebiam todo dia, com perigo de se tornarem alcoólatras para sempre. E por causa dessa situação, cada um foi tomando seu rumo para sua aldeia.

Eu fui para Guarantã e fiquei um pouco por lá, para ver o velho bēnjadjwýrý que se chamava Bepgogoti, e que foi também um grande guerreiro na época de antes de contato, fiquei lá uma semana e fui para a aldeia.

Alguns meses depois, na mesma aldeia (Mētyktire Novo), essa aldeia atual, chegou um time do Pará, da aldeia Rôtko, para fazer um jogo conosco. Nosso time derrotou o time do Rôtko de três a zero,

esse jogo aconteceu no ano de 1996.

Em 1997 a comunidade me elegeu e ao Tamôk, para trabalharmos na escola como professores, e nós fizemos o contrato com a Prefeitura de Peixoto de Azevedo. Na mesma época também foram contratados dois professores da aldeia Kapôt: Beboiti e Kokopieti. Trabalhei na escola por quatro anos. Quando a gente trabalhava na escola, tinha fofoca e foi por isso que nos separamos da nossa escola Êti.

Depois fiquei trabalhando para a FUNAI, no Posto da aldeia Mētyktire, e eu recebia como serviço prestado.

Estava indo desse jeito e de repente aconteceu o acidente com o grupo de índios que estavam trabalhando para a comunidade. Do acidente, só quatro pessoas saíram com vida. Eles tinham ido a Brasília para resolver problemas das suas comunidades e na volta aconteceu essa tristeza para todas as nossas comunidades, em cada aldeia. Isso aconteceu no ano de 2004.

Foi por causa dessa grande tragédia que eu e o Tay fomos escolhidos para assumir o Instituto Raoni, para administrar o projeto que foi feito com PDPI e outros projetos do Instituto. E assim contei algumas coisas sobre minha vida até o momento presente.

Txuakre Metuktire
Graduando no PROESI/UNEMAT

